

Sarney lembra 10 anos de Cruzado

Brasília — José Varela

■ Ex-presidente diz que sem seu plano não haveria o Real

JORGEMAR FELIX E FABRÍCIO MARQUES

Dez anos depois de editar o Plano Cruzado, o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), comentou a data com críticas ao “desprezo” do Plano Real às questões sociais do país. Ao comparar o programa econômico de seu governo — lançado em 28 de fevereiro de 86 — com o do presidente Fernando Henrique Cardoso, Sarney afirmou que o objetivo do Cruzado sempre foi a distribuição de renda, enquanto o do Real é a estabilidade da moeda. “O Real está restrito à área econômica, se há distribuição de renda, ela é apenas uma decorrência de um outro objetivo”, disse. Os dois maiores erros do Real, na opinião do senador, continuam sendo juros altos e câmbio defasado.

Em uma crítica indireta ao apoio do governo Fernando Henrique ao sistema financeiro, Sarney afirmou que os bancos estão em primeiro lugar na lista dos maiores opositores do Cruzado — segundo ele, responsáveis pela derrubada do plano.

Os políticos, lembrou, foram contrários ao Cruzado até o momento em que perceberam que o plano teria o apoio dos eleitores. “O então senador Fernando Henrique Cardoso fez críticas antes do plano, antes de perceber sua abrangência, mas depois foi eleito com o Cruzado”.

O Cruzado surgiu logo depois de o então senador Fernando Henrique (na época no PMDB) criticar o governo, abrindo uma brecha para o rompimento do partido com Sarney. O deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP) e o então líder do governo na Câmara, Pimenta da Veiga (PMDB-MG), também articulavam a debandada. Com o Cruzado, o governo estancou a crise pemedebista.

“Meu maior erro foi editar o Cruzado 2; se o tempo voltasse, preferia cortar minha mão do que assinar o plano dois.”, comentou, referindo-se ao pacote de medidas de correção do Cruzado, que incluiu um tarifaço e aumento de juros”.



Sarney: “O objetivo do Real é estabilizar a moeda enquanto o do Cruzado foi a distribuição de renda”

“Sem Cruzado não haveria Real. O Cruzado permitiu a uma equipe de jovens economistas romper com tabus econômicos e com uma teoria ortodoxa imposta internacionalmente”, disse. Lamentou, apenas, a impossibilidade de o Brasil comandar uma grande revolta dos países devedores. “Se tivéssemos conseguido reunir a solidariedade dos devedores do continente e trazê-los para o mesmo lado, tínhamos resistido”.

Um dos idealizadores do Plano Cruzado, o economista Luiz Gonzaga Belluzzo acha que a experiência fracassada de dez anos atrás teve ao menos uma função pedagógica. “Tentamos estabilizar a economia numa situação muito adversa, em que não havia reservas nem financiamento internacional”, diz Belluzzo, secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda na época. “Aprendemos com o Plano Cruzado que, apenas com congelamento de preços, não se recupera a confiança na moeda”.